

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E SÓCIO-ANTROPOLÓGICAS.

Fernando de Oliveira Brugnolli¹;

Cecilia Maria Ghedini².

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas experiências em docência em escolas públicas estaduais, com foco nos discentes do campo em relação ao ensino no meio urbano e suas especificidades metodológicas pedagógicas e na realidade do campo e entrevista sócio-antropológica mediada pelos discentes que residem atualmente no campo, advindos de Escola do Campo e de Escola meio urbano, com sujeitos que vivem atualmente no campo de suas concepções de vida, cultura, sociedade, práticas de produção e experiências de vida, e suas dificuldades, numa perspectiva do pensamento e ação do homem do campo. Os aspectos são unânimes entre os participantes da entrevista, entre os problemas e dificuldades que o campo oferece o que causa êxodo rural, de competência e responsabilidade a quem compete suas insatisfações.

Através da pesquisa sócio-antropológica constar alguns eventos que contribuíram para o êxodo rural, a decadência na produção do pequeno produtor.

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Cruzeiro do Oeste, e-mail:fffernandonando@hotmail.com.br

² Educador Orientador, Unioeste.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



Palavra-chave: Experiências didáticas com discentes; Educação do campo;
Pesquisa sócio-antropológica dos campesinos.

1. CONTEXTO

Como educador meu trabalho se iniciou em 2009 lecionando para o ensino médio segundo e terceiro anos, no Colégio Estadual Malba Tahan na cidade de Altônia, lecionando a disciplina de Matemática onde compartilhei diversas experiências (didáticas e teóricas) entre os discentes o que contribui nas aulas desenvolvendo a forma de ensinar e o aprendizado dos alunos. Também trabalhei em uma escola localizada no campo entre o município de Altônia e Iporã no Bairro Ouro Verde, pertencente à Altônia - Escola Estadual Ouro Verde - Ensino Fundamental, uma escola pequena, porém muito agradável de trabalhar, com um público interessado em aprender e debater sobre o conteúdo ministrado.

No ano seguinte continuei no Colégio Malba Tahan lecionando para segundo ano do Ensino Médio e na Escola Lúcia Alves de Oliveira Schoffen, em duas escolas em Altônia lecionando para 8^a série, 6^a série e 5^a série um público diferente do ensino médio, foi uma enorme aprendizagem para como docente, agregando cada série e seu conjunto, afinidades, competências e individualidades (complexas, pertencentes de cada educando) de experiência como educador. Exerci disciplinas diferentes da minha formação por falta de professor formado na área específica da disciplina dentre elas Arte, Ensino Religioso e Ciências, assim adquiri outras experiências como educador.

No Ensino Médio, trabalhei os conteúdos de forma a interpretar a realidade, ou seja, traduzir a teoria para a sua prática desenvolvendo assim o aprendizado dos alunos e melhor compreensão do conteúdo.

No Ensino Fundamental, introduzi jogos (Pedagógicos Matemáticos) como ferramentas para incentivar, motivar, auxiliar na disciplina de Matemática, esta sala era composta de alunos indisciplinados, faltosos, desistentes, repetentes, alguns com idade para estarem no Ensino Médio.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

2.1. Colégio Estadual Malba Tahan - Ensino Médio - 2º ano – Altônia.

Neste ambiente escolar, lecionei para segundo ano do Ensino Médio o conteúdo de Álgebra, específico Matriz, introduzindo os conceitos teóricos básicos com exemplos, e o uso de imagens gráficas advento da computação e a crescente necessidade de se guardar muitas informações, as matrizes adquirem grande importância. Um exemplo disso seria a própria tela do monitor que nada mais é que uma matriz, sendo cada valor guardado nas linhas e colunas, representando pontos coloridos, mostrando pixel, qualquer imagem digital (fotos, imagens, vídeos).

2.2. Escola Lúcia Alves de Oliveira Schoffen – Ensino Fundamental - 6ª série – Altônia.

2.2.1. Jogo Shisima

O primeiro jogo didático pedagógico que usei em sala de aula foi o Shisima de origem africana, na 6ª série. Porém não levei o jogo já confeccionado, por este jogo apresentar forma de polígono octogonal (polígono de oito lados, oito vértices e oito ângulos), aproveitei o conteúdo de Polígonos que havia ministrado no 2º bimestre em sala de aula, como meio de fixar o conteúdo fazendo desse jogo, uma dupla interação direta com o conteúdo, aplicação de conceitos de polígonos. Com meu auxílio, começaram a construção desse jogo, de variadas formas, variadas cores, tamanhos, espessuras, respeitando os conceitos básicos dos polígonos. Findado a construção do tabuleiro de Shisima na forma octogonal, com vértices opostos unidos por um segmento de reta.

Prosseguindo para as instruções de jogo, dividindo em duplas, para cada jogador três peças diferentes (seixos, tampinhas de garrafa ou moedas). O primeiro jogador coloca suas três peças em três vértices consecutivos do octógono, o segundo jogador coloca suas três peças nos vértices opostos ao primeiro jogador.

Os jogadores revezam-se, movimentando suas peças, um espaço na linha até o próximo ponto vazio. Seguem se revezando, movimentando uma peça por vez. O

jogador pode entrar no centro, da Shisima a qualquer momento. Não é permitido saltar por cima de uma peça. Cada jogador tenta colocar as três peças que lhe pertencem em linha reta. O primeiro que alinhar a três peças do jogo em linha reta será o vencedor.

Por se tratar de um jogo que requer lógica matemática por parte dos jogadores e atenção em cada jogada, notei que após a introdução de jogos em sala de aula, não somente com intuito de fazer uma aula diferente ou divertida para os alunos, mas interagindo diretamente com o conteúdo de cada bimestre como forma de fixação, funcionou com excelentes resultados na melhoria do aprendizado e diminuição de indisciplina dentro de sala de aula.

2.3. Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela – Ensino Fundamental – EJA de 5ª a 8ª série – São Jorge do Patrocínio

Neste mesmo ano, iniciei uma experiência na disciplina de matemática na EJA fundamental no Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela em São Jorge do Patrocínio, os alunos eram diferentes de qualquer outra sala que eu já havia lecionado, adultos de diferentes idades, alguns com idade mais avançadas e ricos em experiência de vida. Uma classe bem diferenciada dos alunos adolescentes, porém com uma afinidade geral todos tinham experiências no campo, pois, a maioria viveu grande parte de sua vida no campo. Estes discentes tinham dificuldades para o aprendizado do conteúdo de matemática, mas quando exemplificava usando suas experiências de vida compreendiam melhor o conteúdo.

Através de suas experiências de vida (trabalho, responsabilidades, cultura), comecei a conhecer melhor onde estavam as dificuldades e usando ferramentas empíricas para sanar estas dificuldades de ensino aprendizagem.

Nas operações básicas, os discentes já tinham fundamentos matemáticos bem aplicados na sua realidade, somente resgatei este conhecimento e anexei na aula, pois por toda sua vida resolveu questões do cotidiano, exemplo disso; a colheita de café, milho, arroz, feijão, mamona e outros cereais, em questão de

quantidade, peso, renda e desconto (sendo passado de pai para filho despertando desde jovens este conhecimento básico que necessitavam no contexto de seu cotidiano). Na criação de animais como galinhas, porcos, gado para leite, para o sustento da família, havia medidas de capacidade como litro, vinculado em situações usuais no cotidiano, na questão das medidas de massa: grama, quilograma ou arroba, tudo já de conhecimento usual desses indivíduos antes de vir para escola.

Administravam a saída e a entrada de seus gastos e lucros, de forma simples e eficiente usando a matemática básica: (nas operações de adição, subtração, multiplicação, divisão). É esta matemática que eu procurava resgatar para ampliar seus conhecimentos, complementando seu aprendizado a partir de suas experiências de vida, propondo uma maneira simples e objetiva de ensinar e aprender, contando com a valorização de sua cultura e seu trabalho através de suas práticas diárias, assim os alunos ficavam interessados para aprender o conteúdo, já que a Matemática é rotulada de ser difícil, tendo muita rejeição. Com estas medidas de interação na aula, proporcionei um melhor aprendizado.

2.4. Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela –Ensino Fundamental - São Jorge do Patrocínio – 7ª e 8ª série – São Jorge do Patrocínio.

Este ano, está ocorrendo uma nova experiência de diversidade como educador, nas disciplinas de História e Geografia, por eu estar cursando História pela UEM, pôde ingressar em outras disciplinas totalmente diferentes de cálculos exatos que eu estava acostumado, ministrando aula no Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela, em São Jorge do Patrocínio, e na Escola Estadual Gurucaia de Ensino Fundamental em São Jorge do Patrocínio, que está localizada no campo (com a mesma linha de pensamento de ensino urbano, a única diferença é a localidade somente).

Neste mesmo Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela, estou trabalhando no período noturno EJA Médio com adultos, uma classe homogênea, alunos do campo e da cidade, alunos bem unidos, o que facilita o ensino aprendizagem. Esta

já é uma sala na sua maioria adulta todos residindo na cidade tornando as práticas pedagógicas de resgate de experiências mais delicadas.

2.5 Pesquisa - realização da pesquisa sócio-antropológica – (envolvimento da comunidade e educandos/as.

As entrevistas da pesquisa foram feitas por alunos/as da 8ª série do Colégio Estadual Lúcia Alves de O. Schoffen Ensino Fundamental e Médio – Altônia – Paraná - 1º Bimestre – 2011, e também por alunos da 6ª série da Casa Familiar Rural Ensino Fundamental – Altônia – Paraná, que está localizada na Estrada Paineira, desenvolvendo um ensino voltado para discentes do campo.

Essa pesquisa sócio-antropológica teve como objetivo diagnosticar através dos depoimentos do trabalhador do campo a sua perspectiva da realidade do campo e de seus problemas, através de diálogo entre discentes e os camponeses para após comparar informações, elaborar e organizar com gráficos com tratamento de informação e porcentagem, análise das entrevistas, elaboração de síntese, diferenciando a agricultura familiar da convencional, percebendo também as diferentes atividades agrícolas.

A entrevista foi realizada pelos discentes e os entrevistados de preferência pessoas que tem contato com o campo. As respostas foram escritas e não digitadas. Os educandos foram orientados a ser respeitosos com as pessoas entrevistadas e pacientes ao questioná-los e ao ouvi-los. A devolução da pesquisa para o debate foi no prazo de duas semanas.

Colégio Estadual Lúcia Alves de O. Schoffen Ensino Fundamental e Médio – Altônia – Paraná - 1º Bimestre – 2011 - educandos (as) da 8ª série e da 6ª série.

a) Idade dos agricultores

20 a 30 anos	30 a 40 anos	40 a 50 anos	50 a 60 anos	60 a 70 anos	70 a 80 anos.	80 a 90 anos	90 a 100 anos
00	03	10	04	03	04	00	01

b) Escolaridade

Analfabeto	Ensino Primário	Ensino Fundamental II	Ensino Médio	Ensino Superior
03	1ª Série: 02 2ª Série: 02 3ª Série: 02 4ª Série: 06	5ª Série: 02 6ª Série: 00 7ª Série: 02 8ª Série: 00	Incompleto: 02 Completo: 03	01

c) Origem - estado brasileiro

São Paulo: 04
Paraná: 14
Alagoas: 02
Ceará: 02
Rio de Janeiro: 02
Minas Gerais: 01

d) Culturas agrícolas predominantes - ordem crescente

Produtos agrícolas produzidos antigamente	Produtos agrícolas produzidos atualmente
Café: 22	Pecuária Leiteira: 15
Feijão: 17	Pecuária de Corte: 11
Arroz: 13	Frutas: 07
Milho: 12	Mandioca: 06
Algodão: 10	Soja: 04
Amendoim: 08	Milho: 03
Mandioca: 05	Mamona: 02
Mamona: 03	Feijão: 02

Pecuária Leiteira: 02 Soja: 01	Café: 02 Cana: 01 Algodão: 01 Trigo: 01 Aviário frango de corte: 01 Nada*: 01
-----------------------------------	--

*Nada (a propriedade se encontra sem uso na agricultura ou pecuária, sem fins produtivos).

e) Características do município de Altônia quando chegaram aqui

Era somente sertão, mata fechada, final da década de 50, não havia comércio nem cidade, somente a Estrada para Vila Iara, por onde os caminhões vindos da região noroeste vinham buscar areia para construção. A compra de mercadoria (mantimentos de primeira necessidade; sal, açúcar, óleo vegetal, trigo, querosene), era feita em Umuarama cerca de 80 km de distância estrada de chão ou por barco em na cidade de Guaíra pelo rio Paraná.

Logo após a o início da colonização surgiram duas vendas com paredes feitas de lascas de coqueiros – vendiam diversas mercadorias, espaço onde futuramente se consolidaria zona urbana do município de Altônia.

A maior parte da floresta que recobria já tinha sido derrubada, havia estradas todas de chão. Muitas matas derrubadas foram queimadas, sua madeira não era aproveitada para serraria, pois, não havia serraria no município por falta de energia elétrica.

A região de Altônia se constituía comarca do município de Xambrê. A cidade era considerada a Rainha do Café da região noroeste. Era uma economia baseada no campo, existiam muitas lavouras de café e criação de gado. O município era pequeno, a cidade era um distrito com somente oito construções (entre comércio e residências), poucas pessoas viviam na cidade, a maioria da população residia no

campo, nas propriedades as plantações de café eram predominantes, em sua grande maioria as pessoas viviam no campo.

O fim do ciclo de produção do café foi na década de noventa.

f) Relação entre a produção agrícola cultivada naquele período e atualmente

Antes: Antes tinha muita fartura no campo devido à terra que era nova, para o cultivo, porém todos produziam produtos agrícolas o que ocasionava muita produção, e o preço tendia a perder seu valor devido à abundância de cereais. Tudo produzia melhor sem adubo químico, havia decorrência de chuva maior, a terra era nova, e os adubos químicos surtiam mais resultados, dissolviam mais lentamente. O clima era propício, com estações do ano bem definidas, sem ocorrência de falta de chuva e a produção era mais abundante e diversificada.

Hoje: A terra se encontra desgastada e pouco fértil, ocasionada pela falta de nutrientes e correções de solos adequadas, e se não tiver uma correção de solo eficaz, a produção é mais reduzida ainda. Também hoje em dia se planta muito pouco a não ser monocultura e se destacam as pastagens para criação de gado de corte ou leite, sem uma preocupação com o desgaste do solo.

g) Parceria atual com a Secretaria de Agricultura

Não tem nenhuma parceria com a secretaria de agricultura; temos assistência quando solicitamos; incentivo de plantio de frutas e assistência técnica; boa parceria de cooperação, PRONAF; nenhuma parceria, no qual necessito muito.

h) Opinião sobre as causas do êxodo rural

- Carência de incentivo para os produtores, preços baixos dos produtos produzidos no campo - no campo para o pequeno agricultor, torna-se mais difícil plantar e expandir a lavoura, na época da colheita o produto não tem valor satisfatório, mal se pagam as dívidas e é baixo o dinheiro que sobra no final da colheita. Ainda tem a ilusão que a cidade pode ser melhor para sua família.

- A plantação não é valorizada. A burocracia de créditos agrícolas, baixa renda da produção, veneno, semente com alto custo, a renda não cobre os custo da produção.

- Para estudar seus filhos em busca de melhor condição de vida. Em busca de emprego, devido à agricultura ser desvalorizada. Na cidade o trabalho é mais fácil.

- A ocorrência de geadas nas décadas de sessenta, setenta e oitenta e os baixos preços dos produtos, dificultou a vida dos camponeses, também a produção baixa e custo elevado.

- Incidência de doenças nas lavouras, como de café ocorrendo á nematóide no ano1985, e falta de valor do produto.

- Política ambiental rígida para o produtor, referente à reserva de 20%, sem restituição do governo federal, ocasionando desânimo para os produtores. Falta de incentivo do governo para fixação do homem e mulher no campo.

- Busca de melhor perspectiva de vida, devido a produtos de produção agrícola que foram desvalorizados no momento da colheita.

- Fechamento das escolas rurais que atendiam aos filhos dos camponesinos, obrigando-os a estudar na cidade.

- A renda no campo não consegue mais manter a sobrevivência da maioria dos camponeses e suas famílias.

i) Ações para proteger o solo e a água

Solo: Combater acidez do solo, manter matéria orgânica como fonte de adubação verde e seca; plantio direto e curvas de níveis para contenção da água da chuva, evitando a incidência de erosão, voçoroca, desertificação entre outros. construção de caixas de água; desuso de agrotóxicos como (Aldrin, BHC, fungicidas mercuriais, agrotóxico e embalagens de vidro), muito utilizado nas culturas de café, amendoim, e outros, por ser altamente nocivo ao solo e ao homem também porque não tinha um manuseio adequado de aplicação. Não jogar as embalagens de

agrotóxicos, no meio ambiente, devolverem em locais adequados; plantio de árvores e bambu, para conter a erosão. Não jogar lixo no solo.

Água: Plantio de árvores, gramas e capim, e recomposição natural do meio ambiente nas nascentes de minas e leitos de rios; desuso de agrotóxicos como (Aldrin, BHC, fungicidas mercuriais, agrotóxico e embalagens de vidro), muito utilizado nas culturas de café, amendoim, e outros por ser altamente nocivo aos mananciais de água, que não tinha um manuseio adequado de aplicação; economizando água; conservação de florestas auxiliares e averbação da reserva legal dos 20%.

j) O que mais sente falta da sua infância

- Vigor físico para trabalhar, a infância era muito sofrida, morava longe da cidade acerca de 18 km, para comprar sal e açúcar andávamos muitas distâncias, tínhamos poucos vestuários e calçados, era uma vida difícil.

- A vida era mais simples, proveitosa e tranqüila. As pessoas antigamente eram simples, não tinham malícia podiam confiar em qualquer pessoa uma palavra bastava para fazer qualquer negócio.

- Sinto não poder trabalhar mais, pela idade avançada.

- Estudar e brincar.

- Paz na sociedade, brincadeiras, e a visão que tinha 20% agora 8%.

- Do sítio onde nasci e morei na minha infância.

- Nada (infância muito dificultosa com muitas carências de gêneros de necessidades básicas).

- Jogar bola, pescar, tomar banho no rio, e ir aos bailes da comunidade espalhados pelas localidades rurais.

- De continuar os estudos.

2.5.1 Trabalhos com atividades que envolveram os dados coletados

Depois de realizada a pesquisa e conclusão dos dados, organizaram-se atividades referente à pesquisa sócio-antropológica, que os discentes se propuseram a fazer através do diálogo e sob orientação do professor. Apresentou-se o resultado da pesquisa em sala de aula e propuseram-se atividades usando dados da pesquisa, transformando os números naturais em porcentagem e construção de gráficos de barras correspondente a produção de antigamente e a atual.

Exercício 1 - Segundo os dados recolhidos da entrevista. Qual porcentagem de cada item de escolaridades dos indivíduos pesquisados, sabendo que 100% correspondem a 25 dos entrevistados? Use regra de três simples para encontrar o valor em porcentagem da escolaridade dos entrevistados.

a) Analfabetos: 03

$$\frac{100\%}{x} = \frac{25}{3} \quad \text{Temos: } \frac{25x}{25} = \frac{300}{25} \Rightarrow x = 12 \%$$

Nesta pesquisa os entrevistados totalizam 12% Analfabetos.

b) Ensino Primário: 12

$$\frac{100\%}{x} = \frac{25}{12} \quad \text{Temos: } \frac{25x}{25} = \frac{1200}{25} \Rightarrow x = 48 \%$$

Nesta pesquisa os entrevistados totalizam 48% Ensino Primário.

c) Ensino Fundamental: 04

$$\frac{100\%}{x} = \frac{25}{4} \quad \text{Temos: } \frac{25x}{25} = \frac{400}{25} \Rightarrow x = 16 \%$$

Nesta pesquisa os entrevistados totalizam 16% com ensino Fundamental concluído e incompleto.

d) Ensino Médio: 05

$$\frac{100\%}{x} = \frac{25}{5} \quad \text{Temos: } \frac{25x}{25} = \frac{500}{25} \Rightarrow x = 20 \%$$

Nesta pesquisa os entrevistados totalizam 20% com Ensino Médio completo e incompleto.

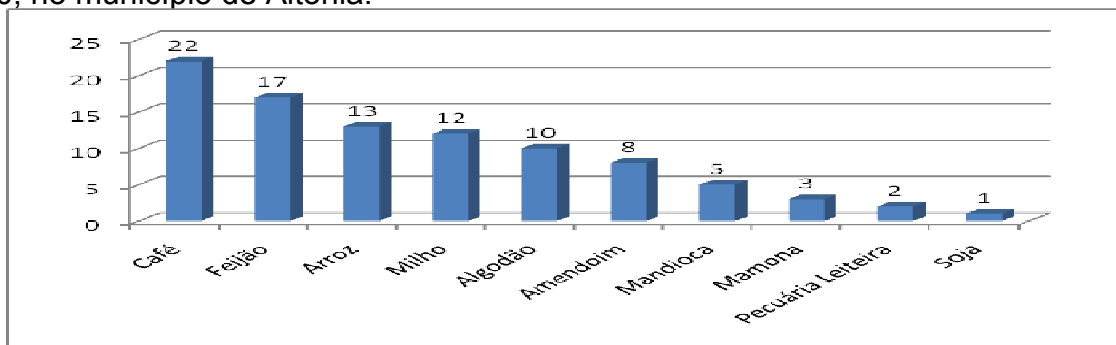
e) Ensino Superior: 01

$$\frac{100\%}{x} = \frac{25}{1} \quad \text{Temos: } \frac{25x}{25} = \frac{100}{25} \Rightarrow x = 4\%$$

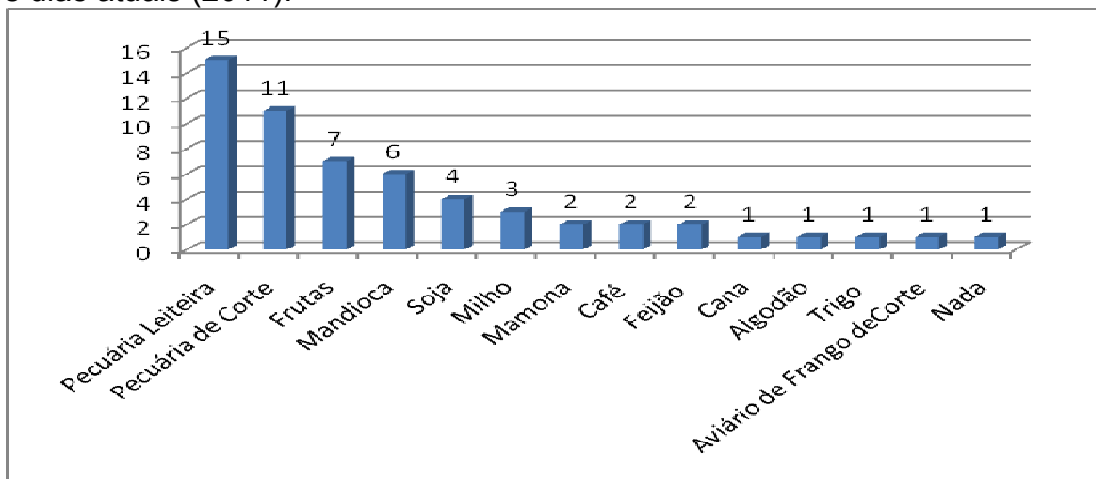
Nesta pesquisa os entrevistados totalizam 4% com Ensino Superior Completo.

Exercício 2 - Construa o gráfico de barras para as produções do campo antigamente e atualmente:

a) Produtos produzidos pelo homem do campo de 1960 até início da década de 90, no município de Altônia.



b) Produtos produzidos no campo antigamente em meados da década de 90 até os dias atuais (2011).



3. CONSIDERAÇÕES

No tocante a esta experiência este trabalho contribuiu para compreensão melhor da realidade do campo suas especificidades e complexidade de senso coletivo dos sujeitos do campo, suas perspectivas empíricas, que não são devidamente respeitadas no âmbito social, político, cultural de reconhecimento da importância dos povos do campo.

As salas de aulas citadas neste artigo eram compostas por uma parcela de alunos advindos do campo, sendo todos igualados no mesmo contexto, com um plano político-pedagógico voltado especificamente para os discentes da cidade, sendo esta a única opção de ensino. Não havia também nenhuma construção com saber voltado a sua realidade de trabalho, cultura, visão de mundo e resgate de suas experiências para serem usadas no seu aprendizado valorizando o desenvolvimento cognitivo individual e coletivo.

Esta falta e atraso nas políticas públicas em que se encontram as escolas do campo distribuídas em todo o Brasil, não conseguem atender a carência destes povos e pouco se voltam à necessidade de políticas educacionais dirigidas à sua expectativa de existência.

O camponês tem seu valor na sociedade, com suas particularidades culturais, a escola tem que se adequar ao modelo sócio-cultural, para atender seus discentes oriundos do campo e desenvolver uma metodologia didática de ensino aprendizagem, que resgate seus conhecimentos práticos e recrie uma mediação entre o conhecimento científico, reaproveitando o seu conhecimento empírico do campo. É isto que esperamos e buscamos implementar com a Educação do Campo.